



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

DESTINOS MIGRATÓRIOS: DESEJOS INDIVIDUAIS, PROJETOS COMUNITÁRIOS
O PROCESSO EDITORIAL DE UMA PUBLICAÇÃO COLETIVA

Luana Balthazar Gaudencio

Rio de Janeiro – RJ

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

DESTINOS MIGRATÓRIOS: DESEJOS INDIVIDUAIS, PROJETOS COMUNITÁRIOS
O PROCESSO EDITORIAL DE UMA PUBLICAÇÃO COLETIVA

Luana Balthazar Gaudencio

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro – RJ

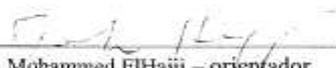
2013

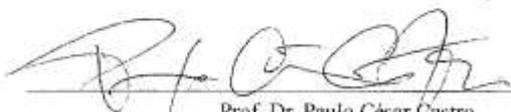
**DESTINOS MIGRATÓRIOS: DESEJOS INDIVIDUAIS, PROJETOS
COMUNITÁRIOS – O processo editorial de uma publicação coletiva**

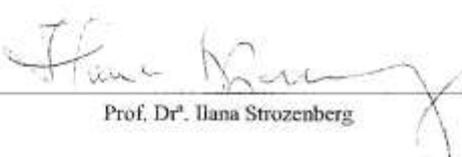
Luana Balthazar Gaudencio

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por


Prof. Dr. Mohammed ElHajji – orientador


Prof. Dr. Paulo César Castro


Prof. Dr. Ilana Strozenberg

Aprovada em: 06/03/2013

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/ RJ
2013

GAUDENCIO, Luana Balthazar.

Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários – O processo editorial de uma publicação coletiva / Luana Balthazar Gaudencio – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2013.

31 f.

Relatório técnico (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2013.

Orientação: Mohammed ElHajji

1. Etnicidade. 2. Comunicação. 3. Produção Editorial. I. ELHAJJI, Mohammed(orientador) II. ECO/UFRJ III. Produção editorial IV. Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários – O processo editorial de uma publicação coletiva

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, preciso agradecer a minha mãe, que nunca mediu esforços para que eu tivesse a melhor formação possível. A ela devo ter estudado em boas escolas, ter feito bons cursos, ter me apaixonado pela leitura desde muito cedo e ter interesse por estar sempre aprendendo. Foi isso que tornou possível minha aprovação para a UFRJ e, agora, minha formatura em um dos melhores cursos de graduação em Comunicação Social do Brasil.

Ao PET, agradeço por ter me ensinado, desde o final do meu primeiro período da faculdade, a trabalhar em equipe, a ter responsabilidade, a ter autonomia, a arcar com as consequências das minhas decisões e, principalmente, que dar ideias é muito bom, mas sem ninguém para fazer, nada anda. Foram os eventos e as pesquisas desenvolvidos pelo grupo que me mantiveram firme na escolha do curso, nos primeiros períodos, quando a dúvida “se fiz a coisa certa” bate e os inúmeros questionamentos assombram os calouros. Claro que, aqui, preciso destacar o responsável pelo grupo, o Professor Mohammed ElHajji – mais conhecido como Moha –, um marroquino, com alma carioca, que de fato é um tutor. Aquele que guia e transmite conhecimento, com seu jeito único, às vezes, tão diferente do “jeitinho brasileiro”.

À Sofia agradeço por ter me conquistado com o tema de sua pesquisa de Doutorado, o que despertou de fato o meu interesse pela imigração e tudo que diz respeito à identidade hifenizada, no Brasil. Descobrimos juntas o “corredor dos angolanos” e continuei a descobrir com ela muitas outras coisas interessantes, que levo para o meu TCC e para a vida.

Não posso deixar de lembrar os professores da ECO que me marcaram e tanto influenciaram a minha formação, mesmo sem terem consciência disso. São pessoas que realmente abriram meus horizontes e me apresentaram autores e formas de olhar o mundo que mudaram minha vida pessoal. Paulo Vaz, Ilana Strozenberg, Beatriz Jaguaribe, Marcio Amaral, Paulo Pires, Augusto Gazir e, mais recentemente, Marie Santini.

Todos os petianos atuais, ou que já passaram pelo grupo, deixaram sua marca no meu coração e vão deixar muitas saudades. Em mais de quatro anos de PET, vi muitos rostos passarem por aquela salinha. Dessa “família PET” levo grandes amigos, em especial Iasmine (que me levou para o grupo e me ajudou desde sempre e para sempre), Ricardo (muito responsável pelo sucesso desse TCC e ótimo professor de espanhol), Erick e Jeff (meus conselheiros, que me contagiam com as risadas e o alto astral), Livinha (francesinha fofa que eu admiro muito), Luiza T (que me aguentou durante o Livre-se e que me inspira com seu jeito de ver o mundo), entre tantos outros! Aos bolsistas atuais, que escreveram as matérias que compõem o meu TCC, meu muito obrigada e minhas desculpas, para o caso de eu ter sido chata em alguns momentos. À Dandara, uma artista, obrigada por aceitar fazer parte desse projeto, com tantas maluquices, do seu jeito sempre dedicado, sensível e atencioso.

Ao Ronan, muito obrigada por estar comigo todos esses anos, por me apoiar e tentar resolver os meus problemas que estavam ao seu alcance. Obrigada por não desistir de mim, mesmo com a distância. Obrigada também pela compreensão de ficar do meu lado, paciente, me ouvindo reclamar do Indesign, enquanto eu fazia meu projeto.

Declaration of Nutopia

We announce the birth of a conceptual country, Nutopia.
Citizenship of the country can be obtained by declaration of the awareness of Nutopia.
Nutopia has no land, no boundaries, no passports, only people.
Nutopia has no laws other than cosmic.
All people of Nutopia are ambassadors of the country.

John Lennon e Yoko Ono

GAUDENCIO, Luana Balthazar. *“Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários”*: o processo editorial de uma publicação coletiva. Orientador: Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro, 2013. Relatório técnico (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 31f.

RESUMO

O presente Projeto Experimental consiste em conceber, elaborar, organizar e editar uma publicação coletiva que reúne artigos e análises sobre os imigrantes e suas comunidades no estado do Rio de Janeiro. O material foi produzido pelos bolsistas do Programa de Ensino Tutorial da ECO (PET-ECO). Evidenciamos, aqui, as etapas de concepção do projeto editorial da publicação, usando como base o conceito de construção coletiva de um produto editorial. A pesquisa Etni-cidade é realizada pelos bolsistas do Programa, desde 2006, e ainda não tinha nenhum trabalho coletivo publicado que compilasse as informações obtidas. Para isso, foi idealizada a organização da publicação “Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários”, que pretende contemplar dois polos da realidade migratória: o individual e o coletivo, o pessoal e o comunitário, o desejo e o projeto.

Palavras-chave:

Multiculturalismo, Imigração, Comunicação, Produção Editorial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O MULTICULTURALISMO E A NEGOCIAÇÃO DE PERTENCIMENTO	11
3. A CONSTRUÇÃO DA PUBLICAÇÃO	
3.1 PRODUÇÃO COLETIVA E A CONCEPÇÃO DO PROJETO	15
3.2 O PROJETO EDITORIAL.....	17
3.3 O PROJETO GRÁFICO.....	17
3.4 ORÇAMENTOS.....	23
4. O PROCESSO EDITORIAL.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

Introdução

Minha entrada para o Programa de Ensino Tutorial da Escola de Comunicação da UFRJ, o PET-ECO, aconteceu em dezembro de 2008, no final do primeiro período da faculdade. Meu contato com o grupo, porém, se deu desde o primeiro momento da “Semana de Calouros”, na Oficina de Mídia Impressa, ministrada pelos próprios bolsistas. Foi nela que tive as primeiras impressões do que “Comunicação” poderia ser e fiquei apaixonada pelas atividades do PET-ECO. Quando soube que estavam precisando de voluntários para a organização do evento *Meio a Meios: Semana de Jornalismo da UFRJ*, um dos maiores e mais reconhecidos eventos realizados pelo grupo, me candidatei na mesma hora.

Mantive contato até abrirem seleção para novos bolsistas, da qual resolvi participar. Fui aprovada e comecei a frequentar as reuniões semanais do grupo no mesmo mês. Posso dizer que só então me senti parte da Escola de Comunicação de fato. Foi o PET que me fez estar certa da minha escolha de fazer da Comunicação minha profissão para o resto da vida e foi esse grupo, que me recebeu de braços abertos, que me manteve firme nas horas de maiores dúvidas e inseguranças.

O PET é integrado por grupos tutoriais de aprendizagem, ligados à Secretaria de Educação Superior – SeSU/MEC, e hoje conta com mais de 700 grupos, distribuídos entre 114 Instituições de Ensino Superior das redes pública e privada, com o objetivo de modernizar o ensino. O Programa busca propiciar aos alunos, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares, que têm como base um tripé composto por ensino, extensão e pesquisa, que objetiva complementar a formação acadêmica, procurando atender mais plenamente às necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos programáticos que integram a grade curricular.

O PET-ECO conta, hoje, com doze bolsistas, desenvolvendo atividades de pesquisa, ensino e extensão em Comunicação e Cultura. Existe desde 1988 e está sob a tutoria do Professor Dr. Mohammed ElHajji, desde setembro de 2001.

Desde 2006, a pesquisa coletiva do grupo é o Etni-cidade – que é a base do evento “Fórum de Imigração”, que realizou sua quarta edição em 2012. É uma tentativa de contextualização crítica de alguns instrumentos teóricos e recortes discursivos normativos que regem o nosso real contemporâneo. Multiculturalismo e Interculturalidade; Migrações; Pluri-pertencimento; Diásporas; Identidades e Identificações Transnacionais; Minorias Étnicas; Mídia Comunitária (Étnica, Nacional, Cultural e/ ou Confessional) são alguns dos tópicos que

se pretende apreender nessa pesquisa – tanto a nível conceitual, quanto a partir da pesquisa e estudo empírico de situações de imigração. É a partir dessa temática que o projeto experimental, proposto aqui, pretende se desenvolver. Atualmente, o projeto conduzido pelo grupo é *oestrangeiro.org: Brasil, país de imigração*, que norteará o trabalho desenvolvido na série “cadernos do estrangeiro”, assim como no primeiro volume da coleção, “Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários” – objeto desse relatório.

Quando comecei a pensar em um tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, imigração sempre foi uma possibilidade natural, já que era a pesquisa, na qual estava envolvida, de algum jeito, desde minha entrada no PET. Como precisava usar os conhecimentos específicos da minha habilitação, Produção Editorial, surgiu a oportunidade de editar a primeira série do PET-ECO.

O objetivo principal era editar uma publicação, em uma linguagem acessível, com textos escritos pelos bolsistas do grupo, para documentar a pesquisa, que visa dialogar com essa complexa formação de uma identidade hifenizada¹ e a negociação de pertencimento dos imigrantes, tendo em vista que a base teórica estudada pelo PET-ECO já existe e vem se desenvolvendo desde 2006 e ainda não há um registro organizado e exclusivo que tenha sido produzido pelo grupo. O que pode ser encontrado hoje no site *etni-cidade.net* ou em *oestrangeiro.org* são alguns artigos ou pesquisas documentais feitos pelos bolsistas do Programa. O diferencial dessa publicação é que conterà um material inédito, escrito, analisado e produzido pelos bolsistas, buscando traduzir, assim, a pesquisa atual do grupo no campo da etnicidade, do pluri-pertencimento, da cultura e do multiculturalismo.

No primeiro capítulo, a partir de pesquisas anteriores, feitas para outros projetos do grupo, ou por pesquisa bibliográfica para este Projeto Experimental, apresento o objeto de estudo e tema de todo o trabalho, apoiada em autores como Jeffrey Lesser e Stuart Hall. A tese de doutorado de Sofia Zanforlin também é de grande utilidade para expor as questões de ocupação de espaços nas cidades, pelas comunidades de imigrantes, no processo de negociação de pertencimento no país de destino.

No segundo capítulo, entro em questões mais específicas do formato e do projeto editorial, além de exemplificar o projeto gráfico, usando conceitos de Emmanuel Araújo, para fundamentar minhas escolhas. Em seu livro, “A Construção do Livro”, Araújo detalha a relação do editor com o texto original e cada passo do processo editorial, que serviram de base

¹ O indivíduo se sente parte integrante de duas nacionalidades, ou etnicidades, diferentes, que coexistem sem se anularem e é construída no dia-a-dia da negociação de pertencimento no novo país.

para meu posicionamento como editora da publicação “Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários”, que envolveu o trabalho de várias pessoas e me propôs diversos desafios editoriais.

A posição de Araújo sobre a relação Editor-Texto-Autor sustenta também o relato presente no terceiro capítulo, no qual detalho o processo de criação e edição do periódico, expondo as dificuldades e soluções, desde a produção do conteúdo, com entrevistas, pesquisas, visitas a associações ou instituições comunitárias e a redação dos textos, passando pela criação da arte do periódico e, finalmente, as especificações do projeto editorial. Desde o início, esse projeto representou um grande desafio, uma vez que dependeria de outras pessoas para redigi-lo e, com isso, teria que contar com elas para concluir meu trabalho. Além disso, não sei fazer ilustrações/imagens digitais e decidi, desde o primeiro momento, não usar fotografias das comunidades de imigrantes, para que não limitasse ou estigmatizasse o entendimento sobre os grupos. Por isso, foi necessário achar quem pudesse ilustrar o periódico, sendo assim, mais um trabalho a coordenar. Felizmente, todas as pessoas envolvidas são amigas, que me ajudaram muito, o que tornou tudo menos pesado.

2. O multiculturalismo e a negociação de pertencimento

“Ao nos aproximarmos da virada do milênio, o Brasil permanece sendo um país onde a etnicidade hifenizada é predominante, embora não reconhecida”.

LESSER, Jeffrey (2001: 20)

A condição migratória é inerente ao indivíduo pós-moderno e está presente nos discursos de diversos autores, como Bauman e Hall. Faz-se necessária na construção da identidade do ser para si próprio e na sua noção de inserção em uma determinada comunidade, a partir da delimitação de sua personalidade. O pertencimento constitui uma busca incansável e permanente do sujeito em sociedade. Aquele que migra, precisa, necessariamente, negociar esse pertencimento constantemente com os membros da nova comunidade, sem deixar os laços com o lugar de origem e ainda ser capaz de negociar consigo mesmo seu posicionamento nessa nova condição.

Inúmeros estudos demonstraram que a questão étnico-cultural é central para qualquer esforço de compreensão das transformações sociais em curso. O desejo de diferenciação das

comunidades humanas é inerente a seus próprios processos de auto-organização e de afirmação, enquanto entidades coesas e coerentes. Ao se estruturarem em torno de seus sistemas de representação do real, os grupos sociais visam a instituição e a perpetuação de uma marca distinta capaz de consolidar seus interesses materiais e/ou ideológicos.

O número de migrantes no mundo já ultrapassou, há muito tempo, a marca de 200 milhões e esse número não para de crescer. São centenas de comunidades espalhadas pelo Brasil, compostas por dezenas de origens culturais, étnicas e confessionais diferentes. Uma população que, ao mesmo tempo que cumpre seus papéis e deveres de cidadãos brasileiros, não deixa de cultivar e cultivar suas raízes pré-migratórias. Os brasileiros recentes, da 2ª, 3ª e até 4ª gerações, constituem hoje, um verdadeiro laboratório das possibilidades de identidade hifenizada, combinando das várias maneiras possíveis cidadania plena e lealdade múltipla, segundo defende Sofia Zanforlin (2010):

“Se no passado o pertencimento de imigrantes era negociado a partir do viés da assimilação, hoje, os grupos preferem muito mais reiterar sua cultura e seus laços originais num processo constante de negociação e interlocução com a cultura do local em que passam a constituir suas novas vidas”.

Essa situação de adaptação se perpetua no quadro migratório contemporâneo, porém, o fato recorrente de internalizar a cultura local, correndo o risco de apagar por completo traços e hábitos da cultura de origem do imigrante não mais acontece. Hoje, por causa da facilidade de comunicação com os parentes e amigos que permaneceram nos países de origem, os imigrantes assimilam características dos países onde vivem, sem perder o contato com a terra natal. Essa assimilação se dá para que haja uma convivência em sociedade e seja possível abrandar os preconceitos existentes contra eles, porém traços culturais como a música, a comida e a língua permanecem vivos nas comunidades de imigrantes em todo o mundo. O padrão cultural supostamente imposto pela globalização, muitas vezes serve, para eles, como forma de espelhar o outro e fortalecer a cultura local de cada nacionalidade, criando assim uma subjetividade-híbrida – incorporação de elementos da nova cultura aos costumes do país de origem, sem que, para isso, uma delas seja anulada:

O resultado do mix cultural, ou sincretismo, atravessando velhas fronteiras, pode não ser a obliteração do velho pelo novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas –

como ocorre crescentemente nas sociedades multiculturais, culturalmente diversificadas, criadas pelas grandes migrações decorrentes de guerras, miséria e das dificuldades econômicas do final do século XX. (HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*).

Conforme discutido no artigo “O Estrangeiro”, de Georg Simmel, o estrangeiro não é mais aquele que chega hoje e parte amanhã, como há algumas décadas, e sim aquele que chega e quer ficar, quer pertencer a um grupo mesmo tendo sua marca diferenciada evidenciada pelo fato de não ter pertencido a esse grupo desde o começo, tendo introduzido características e qualidades que não são inerentes a esse grupo.

Trata-se de um modo singular de produção de subjetividade, de construção do imaginário coletivo e de organização das instâncias de enunciação da identidade do grupo. Os quadros simbólicos de referência próprios a esse tipo de etnicidades re-territorializadas abrangem espaços afetivos, rituais e políticos difíceis de delimitar. E a relação entre o local, o global e o original, neste contexto, se dá em termos bastante complexos, que podem ser tanto confluentes como conflituosos.

A identidade étnico-cultural (que pode incluir elementos nacionais, linguísticos e/ou religiosos), em especial, se revelou um poderoso catalisador ideológico, capaz de secretar complexos mecanismos de estruturação da vida social sob todas as suas formas. Funciona, notadamente, como molde dos quadros simbólicos que estabelecem os critérios de reconhecimento e as regras de conduta dentro do próprio grupo e nas relações com o resto da sociedade.

É preciso, assim, atentar para a influência essencial dos meios de comunicação de massa, como a televisão, como entidade responsável por diversificar a instância subjetiva a partir da multiplicação de imagens e desejos, capazes de modificar e ampliar as possibilidades de construção do eu e os modos de projeção da vida cotidiana. A instância imaginativa se configura como vital para a decisão de migrar e desestabiliza a clássica alegação econômica como sendo a fundamental sobre as razões que levam ao movimento de mudança. Essa instância realça o desejo, a fantasia, as possibilidades de se imaginar autor de uma nova vida como um dos fatores mobilizadores.

Num mundo em constante e irreversível movimento, observa-se como sendo cada vez mais comum o aparecimento do que Appadurai (2009) denomina esferas públicas de diáspora, que, por sua vez, seriam as responsáveis pela formação de etnopaisagens nas mais diversas cidades globais, a reconfigurar a interação nesses locais. Quando os imigrantes perdem seus

lugares e instâncias de enunciação de referência, o sentimento de ruptura pode gerar uma resposta de defesa, ocasionando o isolamento, fonte do pré-conceito pelo desconhecido. Para que isso seja evitado, é importante que esse indivíduo se torne parte do novo ambiente e se reconheça como tal.

No caso brasileiro, a questão étnica adquire contornos especialmente delicados, ambíguos e até paradoxais. A configuração étnico-cultural no Brasil atualmente é, decerto, bastante distante dos ideais eurocêntricos que moveram a construção da identidade nacional. Enquanto se pregava os ideais da cordialidade e da “democracia racial”, os preconceitos raciais, culturais e religiosos vigoravam de modo malicioso e perverso. Por outro lado, apesar de todas as tentativas de embranquecimento e europeização da população, de ordem, tanto política, quanto religiosa ou pseudocientífica, ninguém pode negar que a paisagem étnica no Brasil hoje é uma das mais diversificadas do mundo. Levamos em consideração, durante a pesquisa para o projeto, os espaços eleitos pelos grupos de imigrantes como lugar de encontro para compreender como se elaboram processos de negociação de pertencimentos no tecido social escolhido para ser o novo local de moradia, de estabelecimento e construção de relações das mais diversas ordens, sejam elas subjetivas ou de trabalho.

A ideia geral superficial que se tem na grande população da etnicidade e das identidades hifenizadas, no Brasil, continua bastante binária, regida pelo discurso tradicional de cordialidade e de “democracia racial”. Pouco se sabe da visão complexa que esses grupos têm de si próprios, de seus respectivos países e culturas de origem, do Brasil e do mundo global no qual eles se inscrevem.

Há, tanto por parte da mídia, quanto da opinião pública, uma apreensão pré-estabelecida da relação desses grupos com o Brasil. É fácil constatar que existe uma certa dificuldade em conceber e admitir o direito do trans-nacional à dúvida, à dualidade e à ambivalência. Por isso, essa publicação pretende dar voz a alguns grupos de imigrantes, para que possam se expressar e, tendo como público-alvo leitores leigos nas questões migratórias, possa servir de material informativo e esclarecedor.

3. A construção da publicação

3.1 A produção coletiva e a concepção do Projeto

O PET-ECO é formado por 12 bolsistas, que desenvolvem diversas atividades, sob a orientação de um professor tutor. Todos têm liberdade de propor novos projetos em qualquer um dos três pilares, em que se baseiam o PET: pesquisa, ensino e extensão. Tudo é decidido pelo grupo e, uma vez adotado, passa a ter um bolsista coordenador, que é o responsável por centralizar as tarefas e distribuí-las entre os demais bolsistas. Todos os resultados são do grupo, como um todo. Isso reflete uma das características principais para se adaptar ao trabalho do PET, que é saber trabalhar em equipe.

Na mesma linha de raciocínio, surgiu o projeto da publicação “cadernos do estrangeiro”, produto de uma pesquisa coletiva, na qual cada um dos envolvidos direciona seu interesse e suas potencialidades para produzir seu melhor resultado, em prol do interesse maior do grupo. Esse projeto objetiva ser um série, que se dividirá em volumes. O primeiro, objeto desse relatório, foi chamado de “Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários”.

No geral, publicações acadêmicas, sejam de grande circulação ou direcionadas a um público determinado, são compostas por textos de diversos autores, porém, sob a coordenação e decisão de um único editor-chefe que decide a linha editorial da publicação em questão e tem o poder de aceitar ou recusar o texto enviado. No caso específico de revistas acadêmicas, produzidas por grupos de pesquisa, existe uma solicitação de envio de textos, porém, com pré-definições já estabelecidas, como número médio de páginas, ou caracteres; temas possíveis, que variam de acordo com a linha editorial da edição em curso; dentre muitas outras exigências.

O primeiro volume da série “cadernos do estrangeiro” foi uma publicação totalmente coletiva. Existia um tema pré-estabelecido, já que o objetivo geral era produzir material inédito sobre a pesquisa *oestrangeiro.org*, porém, tudo foi construído em grupo. Decidimos quantas comunidades de imigrantes seriam pesquisadas por cada bolsista, definimos o formato do texto, construímos juntos uma rede de contatos possíveis a serem entrevistados e lugares a serem visitados, até, finalmente, definirmos o título da série e, mais especificamente de cada texto publicado. Mesmo aqueles bolsistas que não se envolveram na produção dos textos, participaram ativamente, de alguma forma, na construção do projeto.

O nome da coleção faz referência ao site *oestrangeiro.org*, produto de uma pesquisa, coordenada pelo Professor Mohammed ElHajji. Alguns dos textos publicados no primeiro volume do “cadernos do estrangeiro” foram retirados do site, sendo originalmente publicados pelos bolsistas em formato de entrevistas para a seção “imigrantes”.

Dessa experiência, podemos extrair o conceito de cooperação, que implica em coordenar ações com outros sujeitos, para que então se construa algo que represente cada um dos envolvidos. No caso, cada texto, cada etapa do projeto tem um pouco de todos os bolsistas do Programa. Para existir cooperação, deve haver interação, colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas.

O controle de todo o material foi feito por mim, enquanto editora da obra, porém as atividades foram distribuídas entre os demais bolsistas do grupo, com o que podiam dar de melhor. A primeira ideia era tentar mapear o maior número de comunidades possível, divididas entre os bolsistas que estavam no PET em outubro de 2011 e que poderiam se envolver no projeto, uma que vez que não estivessem tocando nenhum outro projeto grande. Com isso, foram 16 comunidades mapeadas. Dessas, separamos oito que deveriam ser priorizadas, sendo uma para cada bolsista.

A metodologia utilizada foi, fundamentalmente, pesquisa de campo, com entrevistas em profundidade e observação das associações e instituições frequentadas pelos imigrantes de cada comunidade, além de pesquisa documental, nos sites específicos de Embaixadas, mídias étnicas, comunitárias e/ou confessionais, e textos publicados no site *etni-cidade.net*, primeiro site editado pelo Programa, sobre a temática da imigração. Outra fonte utilizada foram matérias jornalísticas.

Conforme eu ia recebendo os textos finalizados, já fazia uma primeira revisão gramatical, preparando o original para ser trabalhado, adequando o estilo de escrita ao projeto editorial, verificando a clareza, o vocabulário e a construção das frases e dos parágrafos. Após essa primeira etapa, os textos ainda passaram por uma verificação de conteúdo, uma última revisão e, finalmente, a padronização de títulos e entretítulos.

A intenção é imprimir uma quantidade de exemplares para distribuir gratuitamente às comunidades de imigrantes envolvidas no projeto, além de instituições e grupos que pesquisem a temática da imigração. O periódico terá também uma versão digital, à princípio, publicada no site do PET-ECO (*petecoufrj.com*).

3.2 O Projeto Editorial

O projeto editorial foi composto visando ser acessível a leitores em geral e, especificamente, a integrantes das comunidades de imigrantes que, muitas vezes, não estão adaptados à forma culta da língua portuguesa, ou por não estarem totalmente adaptados ainda ao idioma, ou por o terem aprendido de forma oral e informal. Por isso a escolha de publicar matérias jornalísticas, num formato mais narrativo. Nessa mesma perspectiva, todo o projeto seguiu uma linha mais “clean”, com generosos espaços brancos, margens espaçosas e espaçamento entre linhas visualmente confortável, para que não tornasse a leitura cansativa.

O projeto foi pensado para contemplar o formato de uma revista, porém, sem se restringir aos formatos mais tradicionais. Levando em consideração o tema da publicação e o processo de construção dos textos, “diversidade” foi a palavra-chave que norteou todo o projeto editorial. Quisemos assumir a diversidade entre os autores e entre os próprios desejos e projetos que alimentam o ato de migrar. Para representar isso, fizemos um formato pouco usado, com o papel de capa incomum no mercado editorial.

O formato fechado é 23x28cm, enquanto o formato tradicional de revistas é 21x28cm. Esse formato foi pensado para permitir a impressão em papel BB (66x96cm), o mais utilizado pelas gráficas brasileiras, com maior aproveitamento do papel, perdendo apenas quatro centímetros na altura. Tendo a publicação 144 páginas no total, seriam nove cadernos de 16 páginas cada.

A capa foi pensada, desde o primeiro momento, pelo suporte, ou seja, o papel kraft, muito utilizado em embalagens comerciais de papel (sacos de papel), com uma textura muito interessante e diferenciada para aplicação em capa de um impresso. O papel do miolo, Polén Soft, é muito indicado para livros mais longos, pela sua tonalidade mais amarelada, o que proporciona mais conforto para a leitura. Esse foi o objetivo da escolha, ou seja, uma leitura confortável. A mesma justificativa pode ser utilizada para a escolha do corpo da fonte do miolo, a Helvetica Neue, corpo 12, entrelinha 14. Apesar de ser um pouco maior do que a maioria dos textos em impressos, a ideia foi preencher a mancha gráfica, mantendo o equilíbrio entre as áreas de branco e preto, facilitando a leitura, além de garantir a clareza do texto, considerando a utilização de uma fonte sem serifa, comumente mais utilizada em textos curtos.

Serifas são pequenos traços ou espessamentos aplicados às extremidades das letras, que herdamos da escrita manual e que teria a funcionalidade de direcionar os olhos do leitor de uma letra a outra e, conseqüentemente, entre as linhas e parágrafos do texto, gerando uma

linha imaginária criada pelos traços nos pés dos tipos. Apesar de funcional para textos mais longos, tradicionalmente, as serifas tornam a escrita mais formal, o que não seria o objetivo do projeto.

A fonte Museo 300 foi aplicada em alguns títulos, por ser uma fonte, a priori, serifada, porém, com uma serifa não tradicional. Foi utilizada para diferenciar e destacar os títulos do corpo do texto.

A parte pré-textual do projeto é composta por falsa folha de rosto, folha de rosto, página de créditos, sumário, apresentação e introdução. A parte textual foi dividida em dois grandes grupos, intercalados: “Projetos Comunitários”, com as matérias sobre as comunidades de imigrantes²; e “Desejos Individuais”, contendo os perfis de imigrantes diretos³. A escolha por intercalar esses dois grupos foi para equilibrar graficamente a publicação, uma vez que só as matérias de “Projetos Comunitários” têm ilustrações. Para diferenciar um grupo do outro, além das ilustrações nas aberturas de capítulos das comunidades, os textos dos perfis foram dispostos em duas colunas, com um “olho” na página par que antecede a página capitular – onde de fato inicia o texto – e o título do texto, com um subtítulo e o nome do autor, na página ímpar anterior ao “olho”.

3.3 O projeto gráfico

Em conformidade com o projeto editorial, o projeto gráfico também objetivou se diferenciar das publicações tradicionais sobre o tema da imigração. Desde o início, concordamos em ilustrar os textos sobre as comunidades, no entanto, não queríamos que as imagens usadas traduzissem de forma literal a comunidade em questão. Optamos, então, por não usar fotografias, uma vez que seria muito difícil fazer uma foto que contivesse algum aspecto de identificação daqueles imigrantes, sem que os estigmatizasse, ou sem que restringisse a interpretação dos leitores sobre àqueles indivíduos.

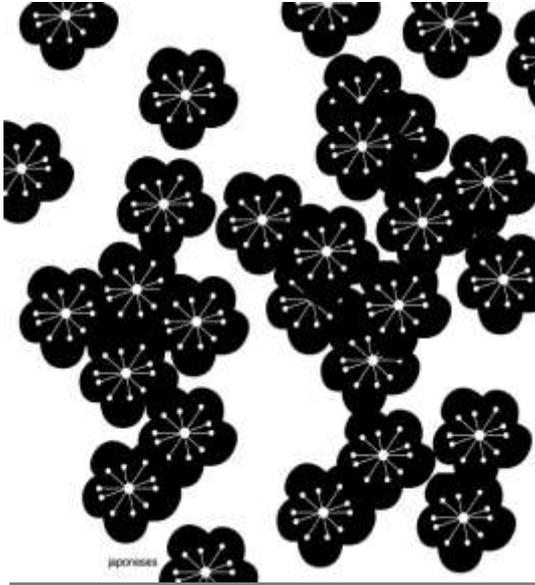
Uma designer, formada pela Escola de Belas Artes da UFRJ, Dandara Dantas, foi convidada para fazer a arte do projeto. Após algumas reuniões e definições, tivemos a ideia de buscar referências nas roupas ou tecidos típicos de cada comunidade e, a partir de uma abstração dessas texturas, compor aberturas de capítulos. A ordem dos textos foi decisiva para

² Nas comunidades de imigrantes, entrevistamos imigrantes e seus descendentes. Principalmente em comunidades como a dos finlandeses, é muito difícil encontrar imigrantes diretos.

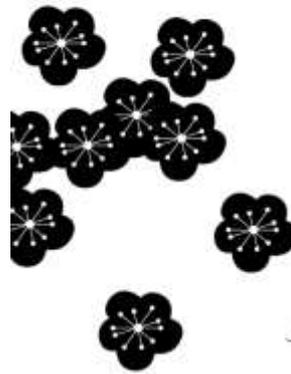
³ Entenda-se por imigrante direto aquele que veio de outro país, para o Brasil. Não consideramos, nesse caso, descendentes de quaisquer gerações.

organizar as artes, uma vez que, no conjunto, ficassem harmoniosas e equilibradas entre espaços brancos e pretos das ilustrações. Abaixo, a ordem das artes, como entraram no periódico, compondo o conjunto gráfico.



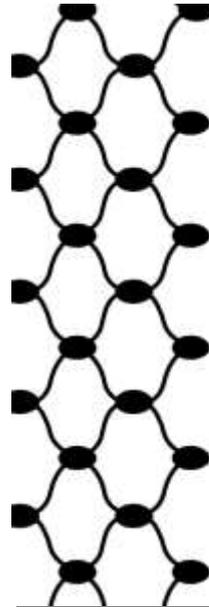
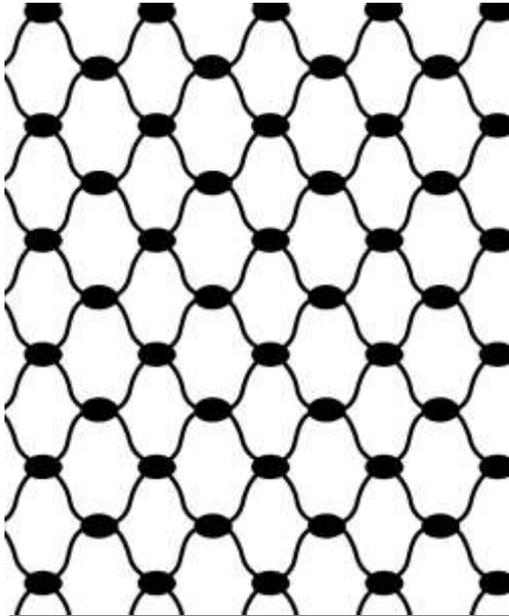


japoneses



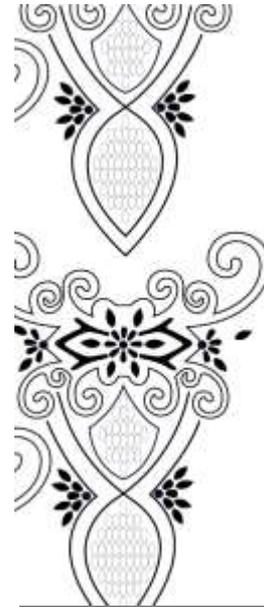
Japoneses

por Gabriela Fantaleto



Muçulmanos

por Flávia Correia



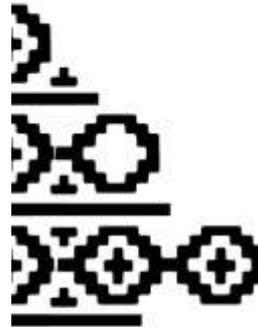
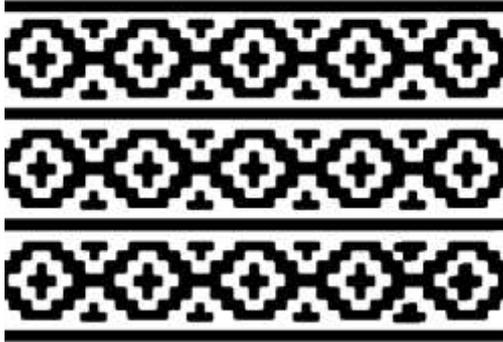
Libaneses

por Fernanda Fontes



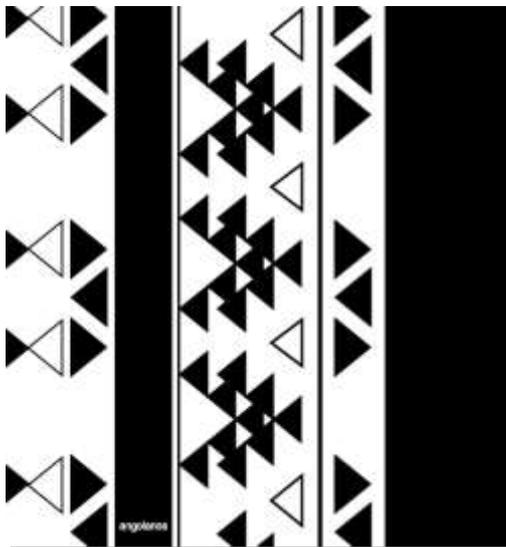
Judeus

por André Barata



Chilenos

por Raphaeli Arias



Angolanos

por Larissa Ringel

A capa tem a proposta de formar uma rede com pedaços de todas as artes das comunidades, seguindo o conceito de diversidade compondo um todo.



3.4 Orçamentos

As especificações abaixo foram utilizadas para orçar o projeto em três variações de tiragem total: 100, 200 e 500 exemplares.

CAPA:

Formato aberto: 468x280mm

Formato fechado: 230x280mm (lombada de 8mm)

Papel Kraft Natural 240g/m²

1/0

Vincado

MIOLO:

144 páginas, 1/1

Formato aberto: 460x280mm

Formato fechado: 230x280mm

Papel Pólen Soft 80g/m²

Lombada quadrada - costura e cola.

Foram consultadas duas gráficas de Juiz de Fora (MG), Central Gráfica e RRDonnelly e quatro do Rio de Janeiro, WalPrint, Stamppa, Minister e Grafitto. A dificuldade foi achar uma boa gráfica que conseguisse imprimir uma quantidade pequena, com as especificações corretas de papel e formato e que ainda apresentasse um bom custo. A única que atendeu a todos esses requisitos foi a Gráfica e Editora Stamppa, que imprime pouca quantidade em impressão offset, faz trabalhos de boa qualidade, trabalha com todos os materiais especificados e tem um custo justo se comparado às outras gráficas de mesmo porte.

Orçamento Gráfica e Editora Stamppa:

- Livro (Brochura Costurada) Livro TCC 23x28cm com 144 págs+ capa, Form.Aberto 460 x 280 mm, Form.Fechado 230 x 280mm, Capa, formato 468 x 280 em Kraft 240g/m², 1x0 cores,Miolo 144 págs. em Polen Soft LD 80g/m², 1x1 cores, Dobrado(Miolo), Alceamento Cadernos, Vincado(Capa), Costura, Colado, Corte Simples

TIRAGEM	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
100	46,93	4.693,00
200	26,19	5.238,00
500	14,59	7.295,00

Analisando o orçamento apresentado, com relação a custo-benefício, seria mais vantajoso imprimir 500 exemplares. Nesse caso, poderiam ser distribuídos para bibliotecas de universidades e durante o evento “Fórum de imigração”, organizado pelo PET-ECO anualmente e que compõe a parte de extensão da pesquisa sobre imigração, além dos locais que já receberiam os exemplares, no projeto original.

4. O processo editorial

Sem dúvida, o maior desafio de todo o processo editorial foi conseguir administrar o tempo e o trabalho de terceiros, adaptando aos meus horários e aos prazos estabelecidos para concluir o trabalho. Durante todo o tempo, aconteceram diversos imprevistos, muitas mudanças na equipe, além da greve de professores e funcionários das universidades federais que paralisou as atividades por aproximadamente quatro meses, o que dificultou nossas reuniões e nosso progresso no projeto.

A concepção da publicação teve início em setembro de 2011, quando comecei a pensar sobre o Projeto de Conclusão de Curso. Como já era bolsista do Programa de Ensino Tutorial da Escola de Comunicação da UFRJ (PET-ECO) desde o final do meu primeiro período na faculdade, sendo imigração a pesquisa central do Grupo, para mim, foi natural o interesse pela temática e, conseqüentemente, a orientação do Professor Mohammed ElHajji, tutor do PET-ECO. Aproveitando minha formação específica na habilitação em Produção Editorial e a ausência de uma publicação específica do Grupo, que reunisse a pesquisa feita, desde 2006, decidimos editar uma coletânea de textos sobre algumas comunidades de imigrantes presentes no estado do Rio de Janeiro.

Para isso, os nove bolsistas integrantes do Programa em outubro de 2011, que estariam disponíveis para entrar no projeto, ficaram responsáveis, cada um, por uma comunidade de imigrantes do estado do Rio de Janeiro. Nesse momento, minha formatura ainda estava prevista para julho de 2012, portanto, todas as datas foram organizadas para cumprir esse prazo.

Em novembro do mesmo ano, durante o IV Fórum de Imigração, evento organizado pelo PET-ECO, alguns palestrantes foram entrevistados, já com o objetivo de serem fonte de pesquisa para a redação dos textos do projeto. No entanto, logo depois, dois bolsistas que estavam envolvidos deixaram o grupo, o que atrasou um pouco o processo, porque tudo teve

que ser reestruturado para dar prosseguimento às entrevistas e pesquisas. Uma nova seleção de bolsistas teve que ser feita e, somente depois de aprovados os candidatos, pudemos redividir as tarefas.

Ainda em novembro de 2011, decidi que estenderia minha data de formatura por mais um período, por motivos pessoais e para ter mais tempo de concluir o projeto, que já havia se tornado maior do que o imaginado. Com isso, me formaria em dezembro de 2012.

Os bolsistas novos “herdaram” a pesquisa já realizada pelos que saíram no final de 2011, porém, tinham pouca vivência do que estava sendo desenvolvido. Foi necessário que fizessem novas visitas aos locais de encontro dos imigrantes que pesquisariam, ou que entrevistassem outros personagens, para conseguirem se ambientar e de fato se inserir no projeto. Para isso acontecer, teve que ser levado em conta o tempo de quem os receberia, e nem sempre essas pessoas eram acessíveis.

O primeiro *deadline* foi então marcado para 30 de abril, prazo em que todos deveriam me entregar os primeiros textos, resultados das pesquisas e entrevistas realizadas até aquele momento. Como, há algum tempo, o PET vinha selecionando vários alunos de primeiros períodos da ECO e, mais recentemente, adotou a política de selecionar também de outros cursos de Humanas, como Serviço Social e Ciências Sociais, tínhamos muitas pessoas no Grupo que não tinham fluência na escrita jornalística, muito menos num texto mais espelhado no jornalismo literário, como gostaríamos que fossem as matérias. Para tentar ajudar os autores dos textos, um dos bolsistas do Programa, que era estagiário da revista Piauí – exemplo do estilo literário que buscávamos – e graduando do 7º período de jornalismo na ECO, ofereceu uma oficina de jornalismo literário a todos os interessados.

Enquanto isso, em janeiro de 2012, convidei uma amiga designer para fazer o projeto gráfico do livro. Ela deu ótimas dicas e propôs soluções excelentes para todo a publicação. Além de fazer a ilustração, testava a aplicação do material, selecionado por nós, imprimindo o trabalho em papel semelhante e solicitando orçamentos, para verificar se era financeiramente viável.

Entre o final de abril e o início de maio de 2012, comecei a receber os textos de todos os bolsistas e iniciei uma primeira revisão ortográfica e de estilo. No entanto, muitos textos precisavam ser reescritos, pela falta de clareza que apresentavam. Conforme ia terminando a primeira revisão, passava os textos para uma edição do bolsista que deu a oficina de jornalismo literário. Nesse processo de edição, ficamos bastante tempo. Alguns textos voltaram para os autores, para que esclarecessem alguns pontos, uma vez que detinham

conhecimento mais profundo sobre a comunidade, pela qual eram responsáveis; outros, resolvemos editar com o que já estava escrito. Desde o início, decidimos assumir a identidade dos autores e trabalhar com a diversidade dos textos, fazendo somente a normalização necessária.

No final do mês de maio de 2012, os professores da UFRJ aderiram à greve das universidades federais, que atingiu todo o país. A ECO foi uma das últimas unidades a parar e, especificamente, o PET-ECO continuou aberto normalmente. No entanto, como o Grupo é formado por estudantes, que ficaram sem aulas e sem atividades curriculares, a dispersão nesse período foi inevitável. Quando foi votado o final da greve, em agosto, tivemos que reestruturar as atividades.

Na realidade, meu papel na concepção desse projeto foi um tanto ambíguo, na medida em que era a editora, porém também fui autora de dois perfis. Nesse momento, foi fundamental a atuação do coordenador geral do projeto, o Professor Mohammed, para guiar o meu trabalho e para se colocar no papel de editor, uma vez que não era possível me distanciar da subjetividade do papel de autor, para assumir o papel de editora de conteúdo.

O tempo que tive para trabalhar o conteúdo, possibilitou muitas idas e vindas desse material da revisão, edição e normalização. Por um lado, esse tempo foi essencial para o cuidado com os textos, uma vez que estamos trabalhando a todo momento com histórias reais, de vidas, muitas vezes, sofridas e fazendo a interpretação subjetiva dessas informações, tomando o direito de usá-las para compor um projeto que terá uma grande visibilidade depois de impresso. Qualquer informação equivocada que fosse veiculada, poderia gerar problemas aos próprios entrevistados e ao grupo PET-ECO. Por outro lado, o olho de quem revisa o mesmo material muitas vezes e, pior, de quem ajuda a escrevê-lo, acostuma-se ao erro e à forma de escrita. Por isso, foi extremamente importante o suporte de um dos bolsistas, responsável pela edição e revisão final do material completo.

A última alteração significativa foi a inclusão dos perfis dos imigrantes diretos. Publicados no site oestrangeiro.org, não estavam previstos originalmente na coleção “cadernos do estrangeiro”. A ideia surgiu para dar mais ritmo à publicação, além de aproveitar as entrevistas feitas com imigrantes, que não necessariamente eram das mesmas comunidades das matérias, o que também permitiria a ampliação de abrangência do projeto.

Durante todo o processo, além das alterações de conteúdo, que se estenderam até o último momento possível, tiveram mudanças também no formato. Até chegarmos ao formato

adequado e ao melhor aproveitamento de papel, precisamos alterar duas vezes o projeto editorial, o que gerou retrabalho, porém, mais coerência ao trabalho como um todo.

Quando decidimos, de fato, publicar o periódico, ou seja, imprimir uma determinada quantidade ainda a ser definida e disponibilizar a versão digitalizada na internet, pensamos em registrar o ISBN⁴ do projeto. No caso de séries, como são divididas em volume, porém sem frequência pré-estabelecida, cada publicação enquadra-se como um livro. Se fosse um periódico tradicional, teríamos que solicitar o ISSN⁵.

Para solicitar o ISBN, é necessário fazer o cadastro de pessoa jurídica – uma editora – ou como editor pessoa física. Para ser editor, a pessoa tem que ser o próprio autor da obra e isso tem que constar na folha de rosto da publicação, que deve ser enviada junto com o formulário de cadastro do editor (em caso de novos cadastros), ou do formulário de solicitação do ISBN, preenchido. Em um primeiro momento, pensamos em colocar o nome do Professor Mohammed como autor, uma vez que ele é o coordenador geral do projeto e, como organizador, não pode igualmente publicar texto de terceiros. Uma opção seria publicar com a Escola de Comunicação (ECO) como editora, uma vez que esta já era cadastrada na agência do ISBN como editora pessoa jurídica.

No fim, achamos melhor publicar sem o ISBN, porque, como é uma publicação coletiva e não será comercializada, teria menos burocracia e não descaracterizaria a intenção de fazer da pesquisa *oestrangeiro.org* o projeto que fomentaria a publicação.

Além da publicação impressa, pretendemos disponibilizar um versão digital do primeiro volume da série “cadernos do estrangeiro” no site do PET-ECO, licenciada por Creative Commons⁶. Entre as opções de licenciamento, optamos por não permitir alterações no texto original, nem o uso comercial.

⁴ O ISBN - International Standard Book Number - é um sistema de 13 dígitos que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição. O sistema é controlado pela Agência Internacional do ISBN, que orienta e delega poderes às agências nacionais. No Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional representa a Agência Brasileira.

⁵ O ISSN (International Standard Serial Number) é o número de identificação controlado, equivalente ao ISBN, mas para publicações periódicas. Tal como o ISBN, permite a editores, bibliotecários e livreiros localizar estas publicações, tais como revistas, suplementos, etc.

⁶ **Creative Commons (CC)** é, na verdade, uma entidade sem fins lucrativos criada para permitir maior flexibilidade na utilização de obras protegidas por direitos autorais. A ideia é fazer com que um autor/criador permita o uso mais amplo de seus materiais por terceiros, sem que estes o façam infringindo as leis de proteção à propriedade intelectual.

5. Considerações finais

O sentimento que permeou todo o processo de construção do projeto foi de insegurança ao coordenar um trabalho grande, com várias pessoas envolvidas, tentando controlar os prazos, porém, tentando não me desgastar com a equipe, uma vez que o prazo era meu – minha formatura – enquanto o projeto era de todos. Equilibrar esses interesses pessoal/coletivo foi um grande aprendizado, entre tantos que se seguiram durante todo esse tempo.

Ter contato com os imigrantes que pude entrevistar para (re)escrever alguns textos, ou para acompanhar a produção de outros, proporcionou a mim e, certamente, aos bolsistas que estavam comigo, uma experiência muito viva de olhar o outro e perceber seus desejos, seus sonhos, sua luta. Escutar, no silêncio das entrelinhas, o que uma palavra esconde, ou ver na busca pela melhor palavra em português, o orgulho de ter vencido a barreira do idioma. Entender nas expectativas dessas pessoas a coragem que tiveram ao deixar seu país de origem, muitas vezes, deixando também parte de suas famílias, sempre em busca de uma vida melhor, de um futuro diferente.

Curiosamente, depois de pesquisar essa temática há algum tempo, passei a andar pelas ruas tentando adivinhar de onde determinada pessoa teria vindo, ou de que nacionalidade ela era descendente. Muitas vezes, diversas nacionalidades se misturavam na mesma pessoa e nem ela mesma se dava conta disso. Abrir os ouvidos aos sotaques e às misturas de idiomas de uma cidade grande como o Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, imaginar como tantos imigrantes chegaram a uma cidade do interior do estado como Barra do Piraí, onde nasci e vivi até meus 14 anos de idade. É claro que, enquanto eu morava lá, nada me chamava atenção, porém, hoje, vejo como a cidade foi construída pelos imigrantes. Uma loja de roupa chamada “Casa Síria”; a maior rede de supermercados, que pertence a uma família de origem judaica; restaurantes japoneses, lanchonetes coreanas e uma interminável lista de sobrenomes árabes é normal para os habitantes dessa cidadezinha de aproximadamente 100 mil habitantes.

Entender como se deu a negociação desses novos moradores com a terra de destino e como se organizam para, ao mesmo tempo, não perderem suas raízes. Como a noção de comunidade fica ainda mais forte quando estão fora de seus países de origem e como o espaço físico é tão importante nessa organização e nesse reconhecimento da hifenização da nacionalidade.

No fim, todo o processo de construção do Projeto Experimental, serviu para um processo de autoconhecimento muito interessante. Uma descendente de 1^a geração de

imigrantes sírio-libaneses, casou-se com um descendente de italianos e portugueses e dessa relação nasceu uma líbano-luso-íalo-brasileira que, por sua vez, casou-se com um brasileiro com influências indígenas, portuguesas e espanholas, para me trazer à vida. Sem contar a influência húngara de outra parte da família. E, dessa célula familiar, tira-se a exemplo todo o Brasil e as relações globalizadas e híbridas de todo o planeta.

Conseguir transmitir todo esse aprendizado e toda essa complexidade e sensibilidade em uma publicação com aproximadamente 12 pessoas envolvidas, 10 autores, com posicionamentos e interpretações diferentes foi um enorme desafio. Enquanto editora, preparar tantos originais, mantendo o máximo possível a diversidade de cada autor, com seu estilo próprio, sem deixar de pensar no todo, enquanto obra coesa, pôs um limite no meu senso crítico e no meu questionamento sobre até onde eu poderia alterar o texto, sem tirar a essência do autor, equilibrando com a qualidade do conteúdo a ser editado.

Com a ajuda de todos os envolvidos, a publicação alcançou o objetivo principal de reunir material inédito, produzido e editado pelos bolsistas do Programa de Educação Tutorial da Escola de Comunicação da UFRJ e ainda cumpriu a pretensão gráfica de surgir como um projeto diferenciado para um periódico acadêmico, sobre imigração.

Enfim, espero que cumpra também seu objetivo de se tornar um periódico “cadernos do estrangeiro”, tendo em seu volume 1 “Destinos Migratórios: Desejos Individuais, Projetos Comunitários” apenas o primeiro passo para muitos outros volumes desta coleção.

Referências:

APPADURAI, Arjun. O Medo ao Pequeno Número: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2009.

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

_____. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. in: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo, Editora Atlas, 2005.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

_____. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade. Porto Alegre, v.22, n° 2, p.15-46, jul/dez. 1997.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro [1908]. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

ZANFORLIN, Sofia. Tese Etnicidade, migração e comunicação: etnopaisagens transculturais e negociação de pertencimentos. Rio de Janeiro, 2011.

Sites:

<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200765836PM.pdf>

etni-cidade.net

oestrangeiro.org

petecoufrj.com